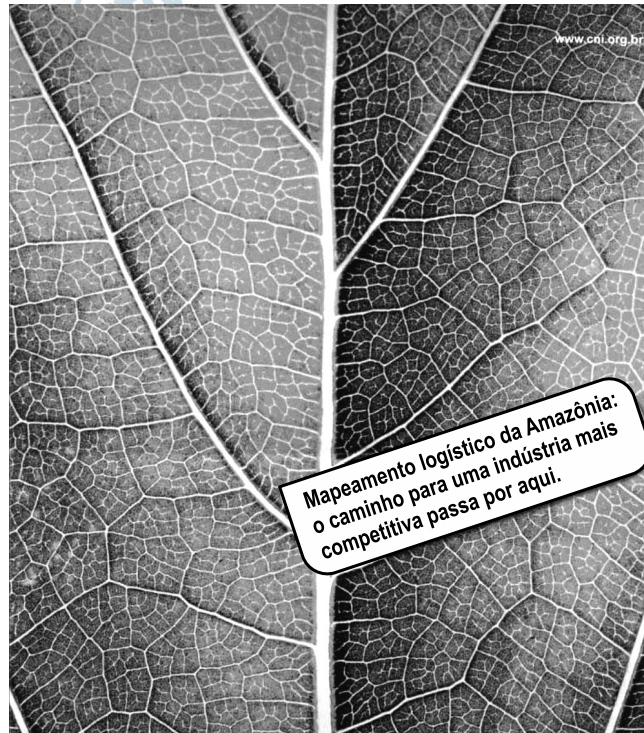


Examine o seguinte anúncio publicitário.



(Revista Valor – Especial, Julho de 2011.)

- Qual é a relação de sentido existente entre a imagem de uma folha de árvore e as expressões “Mapeamento logístico” e “caminho”, empregadas no texto que compõe o anúncio acima reproduzido?
- A que se refere o advérbio “aqui”, presente no texto do anúncio?

Resolução

- A imagem da folha de árvore apresenta nervuras, que possuem semelhança com um mapa “logístico”, ou seja, um mapa que representa pictoricamente a organização de pormenores de deslocamento.**
Cabe também acrescentar que a imagem de uma folha remete a ideia da enorme biodiversidade amazônica, que pode fornecer um rico patrimônio genético como base para uma indústria moderna e competitiva.
- O advérbio “aqui” tanto pode referir-se ao mapeamento logístico da Amazônia, quanto ao respeito pela natureza, representada pela imagem da folha de árvore.**

Leia o texto.

Ditadura / Democracia

A diferença entre uma democracia e um país totalitário é que numa democracia todo mundo reclama, ninguém vive satisfeito. Mas se você perguntar a qualquer cidadão de uma ditadura o que acha de seu país, ele responde, sem hesitação: “Não posso me queixar”.

Millôr Fernandes, **Millôr definitivo: a bíblia do caos**.

- a) Para produzir o efeito de humor que o caracteriza, esse texto emprega o recurso da ambiguidade? Justifique sua resposta.
- b) Reescreva a segunda parte do texto (de “Mas” até “queixar”), pondo no plural a palavra “cidadão” e fazendo as modificações necessárias.

Resolução

- a) **O trecho que apresenta duplo sentido é “Não posso me queixar”, que pode ser entendido de duas formas: “não tenho de que me queixar, estou satisfeito”, ou “não tenho permissão para me queixar, pois posso ser punido caso me manifeste”.**
- b) **Mas se você perguntar a quaisquer cidadãos de uma ditadura o que acham de seu país, eles respondem, sem hesitação: Não podemos nos queixar.**

Leia este texto.

Entre 1808, com a abertura dos portos, e 1850, no auge da centralização imperial, modificara-se a pacata, fechada e obsoleta sociedade. O país europeizava-se, para escândalo de muitos, iniciando um período de progresso rápido, progresso conscientemente provocado, sob moldes ingleses. O vestuário, a alimentação, a mobília mostram, no ingênuo deslumbramento, a subversão dos hábitos lusos, vagarosamente rompidos com os valores culturais que a presença europeia infiltrava, juntamente com as mercadorias importadas. O contato litorâneo das duas culturas, uma dominante já no período final da segregação colonial, articula-se no ajustamento das economias. Ao Estado, a realidade mais ativa da estrutura social, coube o papel de intermediar o impacto estrangeiro, reduzindo-o à temperatura e à velocidade nativas.

Raymundo Faoro, **Os donos do poder**.

- a) Considerando o contexto, é inteiramente adequado o emprego, no texto, das expressões “europeizava-se” e “presença europeia”? Explique sucintamente.
- b) As palavras “litorâneo” e “temperatura” foram usadas, ambas, no texto, em seu sentido literal? Justifique sua resposta.

Resolução

- a) **O emprego das expressões “europeizava-se” e “presença europeia”, para indicar a influência da cultura inglesa na cultura brasileira da primeira metade do século XIX, não é inteiramente adequado, pois essas expressões referem-se a hábitos que substituíram outros também provenientes da Europa: os do colonizador português. Os hábitos lusos da cultura brasileira estavam sendo subvertidos, trocados pelos da cultura inglesa. Superpunham-se novas influências europeias – inglesas – às velhas influências portuguesas – também europeias.**
- b) **As palavras “litorâneo” e “temperatura” não foram empregadas em sentido literal. “Litorâneo” é sinédoque que conota o comércio marítimo (de litoral a litoral), a aproximação econômico-cultural dos dois países. A palavra “temperatura” é metáfora para as condições político-culturais do contexto brasileiro. O impacto estrangeiro na nossa cultura tinha de adaptar-se às condições do Brasil, à nossa “temperatura”.**

Leia o texto.

Na mídia em geral, nos discursos políticos, em mensagens publicitárias, na fala de diferentes atores sociais, enfim, nos diversos contextos em que a comunicação se faz presente, deparamo-nos repetidas vezes com a palavra cidadania. Esse largo uso, porém, não torna seu significado evidente. Ao contrário, o fato de admitir vários empregos deprecia seu valor conceitual, isto é, sua capacidade de nos fazer compreender certa ordem de eventos. Assim, pode-se dizer que, contemporaneamente, a palavra cidadania atende bastante bem a um dos usos possíveis da linguagem, a comunicação, mas caminha em sentido inverso quando se trata da cognição, do uso cognitivo da linguagem. Por que, então, a palavra cidadania é constantemente evocada, se o seu significado é tão pouco esclarecido?

Maria Alice Rezende de Carvalho, **Cidadania e direitos**.

- a) Segundo o texto, em que consistem o uso comunicativo e o “uso cognitivo” da linguagem? Explique resumidamente.
- b) Responda sucintamente a pergunta que encerra o texto: “Por que, então, a palavra cidadania é constantemente evocada, se o seu significado é tão pouco esclarecido?”

Resolução

- a) **No texto transcrito, a distinção entre o uso comunicativo e o uso cognitivo da linguagem deve-se a que, para o primeiro, o que importa é o efeito da mensagem sobre o receptor, e não a transmissão de um conteúdo inteligível. Contrariamente, para que o “emprego cognitivo” da linguagem se efetive, é essencial que a mensagem tenha um conteúdo determinado e inteligível.**
- b) **Nos contextos em que costuma ser empregada, a palavra *cidadania*, embora seu significado não seja “evidente”, como afirma o texto, tem sempre sentido positivo: cidadania – subentende-se – é algo a ser defendido, ampliado, seu valor deve ser comunicado aos jovens etc. Portanto, é a própria indefinição semântica que torna a palavra útil em discursos que visam a finalidades políticas, pois seu efeito será sempre despertar uma reação de adesão no receptor, embora seja uma adesão a algo pouco preciso e determinado.**

Leia o excerto.

Ninguém mais vive, reparou? Vivencia. “Estou vivenciando um momento difícil”, diz Maricotinha. Fico penalizado, mas ficaria mais se Maricotinha estivesse passando por ou vivendo aquele momento difícil. Há uma diferença, diz o dicionário. Viver é ter vida, existir. Vivenciar também é viver, mas implica uma espécie de reflexão ou de sentir. Não é o caso de Maricotinha. O que ela quer dizer é viver, passar por. Mas disse vivenciar porque é assim que, ultimamente, os pedantes a ensinaram a falar.

Ruy Castro, **Folha de S. Paulo**, 27 de junho de 2012. Adaptado.

- a) Da personagem José Dias, diz o narrador do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis: “José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, servia a prolongar as frases”. Em que o comportamento linguístico de Maricotinha, tal como o caracteriza o texto, se compara ao da personagem machadiana?
- b) *Quem já a perda de um parente conhece a dor que estou sentindo.*
Preencha a lacuna da frase acima, utilizando o verbo *viver* ou o verbo *vivenciar*, de acordo com a preferência do autor do texto. Justifique sua escolha.
- c) No trecho “os pedantes a ensinaram a falar”, a palavra “pedante”, considerada no contexto, pode ser substituída por

Resolução

- a) **O comportamento linguístico de José Dias consiste em “dar feição monumental às ideias”, ou seja, em atribuir-lhes uma aparência engrandecedora. Esse cacoete equivale à preferência de Maricotinha por *vivenciar* em lugar de *viver*, pois aquele verbo teria, supostamente, uma carga semântica mais “nobre”.**
- b) **O verbo que preenche adequadamente a lacuna é *viver*: Quem já *viveu* a perda de um parente conhece a dor que estou sentindo.**
Para o autor, *viver*, e não *vivenciar*, deve ser empregado no sentido de “passar por uma experiência”, pois *vivenciar* implicaria também uma atitude reflexiva.
- c) **O vocábulo “pedante” pode ser substituído por “pretensioso”, no sentido de “aquele que se pretende culto, alardeando conhecimento que não possui”.**

Leia as seguintes manchetes.

Grupo I

*Esperada, na Câmara, a mensagem pedindo a
decretação do estado de guerra*

Jornal do Brasil, 07 de outubro de 1937.

Encerrou seus trabalhos a Conferência de Paris

Folha da Manhã, 16 de julho de 1947.

*Causaram viva apreensão nos
EUA os discos voadores*

Folha da Manhã, 30 de julho de 1952.

Grupo II

*Quase metade dos médicos receita
o que a indústria quer*

Folha de S. Paulo, 31 de maio de 2010.

*Novo terminal de Cumbica atenderá
19 milhões ao ano*

Folha de S. Paulo, 26 de junho de 2011.

MEC divulga hoje resultados do Enem por escolas

Zero Hora, 22 de novembro de 2012.

- Cada um dos grupos de manchetes reproduzidos, por ter sido escrito em épocas diferentes, caracteriza-se pelo uso reiterado de determinados recursos linguísticos. Indique um recurso linguístico que caracteriza as manchetes de cada um desses grupos.
- Manchetes jornalísticas costumam suprimir vírgulas. Transcreva a última manchete de cada grupo, acrescentando vírgulas onde forem cabíveis, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

Resolução

- No Grupo I, as manchetes se iniciam pelos verbos (“Esperada”, “Encerrou” e “Causaram”). Assim, põe-se em relevo a ação praticada, não o agente que a praticou, visto que os sujeitos dessas manchetes estão pospostos: “a mensagem”, “a Conferência de Paris”, “os discos voadores”.
No Grupo II, as manchetes não estão com os termos das orações invertidos, pois elas se iniciam pelo sujeito: “Quase metade dos médicos”, “Novo Terminal de Cumbica” e “MEC”. Dessa forma, destacam-se os sujeitos e não apenas as ações a eles atribuídas.
- Nas últimas orações de cada grupo, as vírgulas podem ser empregadas para isolar os adjuntos adverbiais intercalados:
 - Causaram viva apreensão, nos EUA, os discos voadores.
 - MEC divulga, hoje, resultados do ENEM por escolas.

Leia com atenção o trecho de *Til*, de José de Alencar, para responder ao que se pede.

[Berta] — *Agora creio em tudo no que me disseram, e no que se pode imaginar de mais horrível. Que assassines por paga a quem não te fez mal, que por vingança pratiquem crueldades que espantam, eu concebo; és como a suçuarana, que às vezes mata para estancar a sede, e outras por desfastio entra na mangueira e estraçalha tudo. Mas que te vendas para assassinar o filho de teu benfeitor, daquele em cuja casa foste criado, o homem de quem recebeste o sustento; eis o que não se compreende; porque até as feras lembram-se do benefício que se lhes fez, e têm um faro para conhecerem o amigo que as salvou.*

[Jão] — *Também eu tenho, pois aprendi com elas; respondeu o bugre; e sei me sacrificar por aqueles que me querem. Não me torno, porém, escravo de um homem, que nasceu rico, por causa das sobras que me atirava, como atiraria a qualquer outro, ou a seu negro. Não foi por mim que ele fez isso; mas para se mostrar ou por vergonha de enxotar de sua casa a um pobre-diabo. A terra nos dá de comer a todos e ninguém se morre por ela.*

[Berta] — *Para ti, portanto, não há gratidão?*

[Jão] — *Não sei o que é; demais, Galvão já pôs-me quites dessa dívida da farinha que lhe comi. Estamos de contas justas! acrescentou Jão Fera com um suspiro profundo.*

- a) Nesse trecho, Jão Fera refere-se de modo acerbo a uma determinada relação social (aquela que o vinculava, anteriormente, ao seu “benfeitor”, conforme diz Berta), revelando o mal-estar que tal reação lhe provoca. Que relação é essa e em que consiste o mal-estar que lhe está associado?
- b) A fala de Jão Fera revela que, no contexto sócio-histórico em que estava inserido, sua posição social o fazia sentir-se ameaçado de ser identificado com um outro tipo social – identificação, essa, que ele considera intolerável. A que identificação se trata e por que Jão a abomina? Explique sucintamente.

Resolução

- a) **Trata-se de uma relação de dependência socioeconômica entre um homem pobre, mas não escravo, e um rico proprietário rural, Luís Galvão. Jão Fera vive de favor, é um camarada agregado à fazenda das Palmas. O mal-estar decorre do fato de Jão Fera ter consciência de que é um “pobre-diabo”, um a mais entre os homens livres ou escravos que vivem das sobras do proprietário. Não há a mínima afeição de Luís Galvão em relação aos dependentes. Existe apenas vaidade.**

- b) Jão Fera sente-se ameaçado de ser identificado com a “ralé da enxada” (alusão depreciativa à condição do escravo) e considera-se tratado como tal por Afonso Galvão, que lhe atiraria sobras “como atiraria a qualquer outro, a seu negro”. Jão abomina a identificação com o escravo a tal ponto que sente repugnância pelo trabalho “da ralé” e prefere ser capanga a trabalhar com a enxada. No final do romance, transformado pelo carinho de Berta, Jão redime-se da violência e trabalha com a enxada na lavoura doméstica.

No excerto abaixo, narra-se parte do encontro de Brás Cubas com Quincas Borba, quando este, reduzido à miséria, mendigava nas ruas do Rio de Janeiro:

Tirei a carteira, escolhi uma nota de cinco mil-réis, — a menos limpa, — e dei-lha [a Quincas Borba]. Ele recebeu-ma com os olhos cintilantes de cobiça. Levantou a nota ao ar, e agitou-a entusiasmado.

— In hoc signo vinces!* *bradou.*

E depois beijou-a, com muitos ademanos de ternura, e tão ruidosa expansão, que me produziu um sentimento misto de nojo e lástima. Ele, que era arguto, entendeu-me; ficou sério, grotescamente sério, e pediu-me desculpa da alegria, dizendo que era alegria de pobre que não via, desde muitos anos, uma nota de cinco mil-réis.

— *Pois está em suas mãos ver outras muitas, disse eu.*

— *Sim? acudiu ele, dando um bote para mim.*

— *Trabalhando, concluí eu.*

*“In hoc signo vinces!”: citação em latim que significa “Com este sinal vencerás” (frase que teria aparecido no céu, junto de uma cruz, ao imperador Constantino, antes de uma batalha).

Machado de Assis, **Memórias Póstumas de Brás Cubas**.

- Tendo em vista a autobiografia de Brás Cubas e as considerações que ao longo de suas *Memórias Póstumas* ele tece a respeito do tema do trabalho, comente o conselho que, no excerto, ele dá a Quincas Borba: “— Trabalhando, concluí eu”.
- Tendo, agora, como referência, a história de D. Plácida, contada no livro, discuta sucintamente o mencionado conselho de Brás Cubas.

Resolução

- É um conselho meramente retórico e hipócrita, não corresponde à trajetória existencial de Brás Cubas. Constata-se, nas memórias do narrador, que ele é membro da elite brasileira do Segundo Reinado, totalmente avessa ao trabalho. Vive dos privilégios e vale-se da influência do pai. No último capítulo, Brás Cubas gaba-se da vida no ócio: “coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto”.
- D. Plácida trabalhara com afinco durante toda a vida e nunca conseguira sair da pobreza, chegando até a cair na miséria. Dessa forma, o conselho de Brás Cubas, além de hipócrita do ponto de vista pessoal, revela-se impróprio do ponto de vista social.

Embora seja, com frequência, irônico a respeito do livro e de si mesmo, o narrador de **Viagens na Minha Terra** não deixa de declarar ao leitor que essa obra é “primeiro que tudo”, “um símbolo”, na medida em que, diz ele, “uma profunda ideia (...) está oculta debaixo desta ligeira aparência de uma viagenszita que parece feita a brincar, e no fim é uma coisa séria, grave, pensada (...)”. Tendo em vista essa declaração do narrador e considerando a obra em seu contexto social e literário, responda ao que se pede.

- a) Do ponto de vista da história social e política de Portugal, o que está simbolizado nessa viagem?
- b) Considerada, agora, do ponto de vista da história literária, o que essa obra de Garrett representa na evolução da prosa portuguesa? Explique resumidamente.

Resolução

- a) **A viagem simboliza uma volta às raízes nacionais de Portugal e exprime o apego do narrador ao passado e às tradições. É nesse quadro, portanto, que deve ser entendido o mitigado liberalismo de Garrett, que, embora tenha participado da revolução vintista, era no fundo bem pouco revolucionário, como demonstra, por exemplo, a sua rejeição às novidades tecnológicas de então, que estavam alterando profundamente a economia e a sociedade.**
- b) **O “narrador volúvel” (conforme a expressão de Augusto Meyer), o estilo digressivo, a ruptura com a linearidade narrativa, a informalidade coloquial, a transgressão tipicamente romântica dos limites de gênero fazem de *Viagens na Minha Terra* o ponto inicial da prosa moderna (pós-clássica ou, melhor, não clássica) na língua portuguesa. Antes de Eça de Queirós, Garrett é um grande modernizador da prosa da língua e é imensa a influência do estilo deste livro sobre o de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.**

Leia o seguinte poema.

TRISTEZA DO IMPÉRIO

*Os conselheiros angustiados
ante o colo ebúrneo
das donzelas opulentas
que ao piano abemolavam
“bus-co a cam-pi-na se-re-na
pa-ra-li-vre sus-pi-rar”,
esqueciam a guerra do Paraguai,
o enfado bolorento de São Cristóvão,
a dor cada vez mais forte dos negros
e sorvendo mecânicos
uma pitada de rapé,
sonhavam a futura libertação dos instintos
e ninhos de amor a serem instalados nos arranha-céus
[de Copacabana, com rádio e telefone automático.*

Carlos Drummond de Andrade, **Sentimento do mundo**.

- Compare sucintamente “os conselheiros” do Império, tal como os caracteriza o poema de Drummond, ao protagonista das **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis.
- Ao conjugar de maneira intempestiva o passado imperial ao presente de seu próprio tempo, qual é a percepção da história do Brasil que o poeta revela ser sua? Explique resumidamente.

Resolução

- Os “conselheiros” retratados no poema de Drummond representam a elite brasileira – uma elite caracterizada, tanto no Império como antes e depois dele, por hedonismo* provinciano, apesar de imaginativo, e por completa insensibilidade aos problemas do país que lhe faculta os prazeres (ainda que aborrecidos: “o enfado bolorento de São Cristóvão”, a corte imperial). Tais prazeres tinham como contrapartida a escravidão, mencionada no texto de Drummond e igualmente presente no romance de Machado de Assis, cujo protagonista, como os “conselheiros” do poema, é um representante exemplar da elite hedonista, alienada e dedicada ao ócio improdutivo.
- Ao misturar elementos do Segundo Reinado com os do momento presente, Drummond demonstra, em “Tristeza do Império”, uma visão histórica pessimista segundo a qual não houve mudança significativa na estrutura socioeconômica brasileira. Tanto no século XX quanto no anterior, o País é dominado por uma classe de privilegiados hedonistas alheios aos problemas sociais que decorrem de seus privilégios e os garantem.

* **Hedonismo**: doutrina que privilegia o prazer como bem supremo.



Esta é a reprodução (aqui, sem as marcas normais dos anunciantes, que foram substituídas por X) de um anúncio publicitário real, colhido em uma revista, publicada no ano de 2012.

Como toda mensagem, esse anúncio, formado pela relação entre imagem e texto, carrega pressupostos e implicações: se o observarmos bem, veremos que ele expressa uma determinada mentalidade, projeta uma dada visão de mundo, manifesta uma certa escolha de valores e assim por diante.

Redija uma dissertação em prosa, na qual você interprete e discuta a mensagem contida nesse anúncio, considerando os aspectos mencionados no parágrafo anterior e, se quiser, também outros aspectos que julgue relevantes. Procure argumentar de modo a deixar claro seu ponto de vista sobre o assunto.

Comentário à proposta de Redação

A proposta da Banca Examinadora baseou-se em uma peça publicitária de um cartão de crédito que, tendo ao fundo a imagem de um *shopping center*, exibia uma mensagem que convidava o consumidor a aproveitar “o melhor que o mundo tem a oferecer”.

Esperava-se que o candidato interpretasse e discutisse, numa dissertação em prosa, a mensagem contida no referido anúncio. Caberia, pois, observar, na relação entre imagem e texto, a eficácia de recursos que associam valores simbólicos, vinculados ao prazer e à felicidade, a mensagem que reforça uma visão de mundo que valoriza o consumismo, praticado, no caso, num *shopping center*, local ideal para a obtenção dos mais diferentes objetos de desejo.

Quanto à escolha de valores implícita na propaganda, caberia destacar o status e o desejo de ascensão

social como impulsionadores das aquisições, feitas muitas vezes de maneira irrefletida, sem considerar as reais necessidades de consumo ou as implicações decorrentes de endividamentos, só percebidos com a chegada da fatura do cartão de crédito.

Caso desejasse, o candidato poderia apontar, como causa desse fenômeno, o contexto socioeconômico em que se encontra inserida grande parte da humanidade. Assim, seria compreensível que o acúmulo de bens fosse estimulado e até mesmo apresentado como passaporte para a felicidade.

Dentre as possíveis consequências do comportamento consumista, que se deixaria levar pela sedução dos anúncios publicitários, estaria a frustração das expectativas do consumidor, incapaz de resistir ao convite de vitrines acessíveis à mera apresentação de um cartão de crédito.